

# DOM QUIXOTE, LOUCO POR CURA ONTOLÓGICA

DON QUIJOTE, LOCO POR CURA ONTOLÓGICA

Celia Regina de Barros MATTOS<sup>25</sup>

**RESUMO:** este trabalho é o recorte de uma tese defendida em 2007 que analisou sob a perspectiva poético-ontológica a obra de Cervantes *Dom Quixote de La Mancha*. Nesse artigo, o objetivo é compreender a loucura de Dom Quixote, a partir de uma leitura heideggeriana, observando ontologicamente a existência humana e o que motivou nosso personagem a abandonar o mundo da leitura individual e silenciosa, para entrar, efetivamente, nesse mundo, assumindo o papel de louco que tal decisão exigia. Trata-se, entretanto, de uma loucura que ultrapassa as fronteiras do factual, do ôntico, o que nos obriga a convocar “cura”, igualmente fora desse âmbito ôntico da medicina, para, observando-a filosófica e profundamente, verificar se Dom Quixote está verdadeiramente louco ou se está em seu movimento mais autêntico, escutando uma voz; mas uma “outra voz”, a voz de seu ser que o chama de algum lugar que ele, por não saber, se põe a buscá-lo. E é aí que se dá o cruzamento do poético que não nos permite saber, no final das contas, se o que tem Dom Quixote é loucura ou se está, simplesmente, à “pro-cura” de cura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dom Quixote, Heidegger, existência, loucura, cura ontológica

**RESUMEN:** este trabajo es un fragmento de una tesis defendida el 2007 que analizó, bajo una perspectiva poético-ontológica la obra de Cervantes Don Quijote de La Mancha. En ese artículo, el objetivo es comprender la locura de Don Quijote, a partir de una lectura heideggeriana, observando ontológicamente la existencia humana, y lo que motivó a nuestro personaje a abandonar el mundo de la lectura individual y silenciosa, para, en ese mundo, vivir efectivamente, asumiendo la personalidad de un loco que exigía dicha decisión. Se trata, sin embargo, de una locura que ultrapasa los límites de lo factual, de lo ôntico, lo que nos obliga a convocar “cura”, igualmente fuera de ese ámbito ôntico de la medicina, para observándola filosófica y hondamente verificar si está Don Quijote verdaderamente loco, o si está en su movimiento más autêntico, escuchando una voz, pero una “otra voz”, la voz de su ser que le llama, desde algún lugar que él, por no saber, se pone a buscarlo. Y es en ese cruce que está lo poético que no nos permite saber, al fin y al cabo, si lo que tiene Don Quijote es locura o si está, simplemente, a “pro-cura” de cura.

**PALABRAS CLAVE:** Don Quijote; Heidegger, existencia, locura, cura ontológica

---

<sup>25</sup> Professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Mestre e Doutora em Letras (Ciências da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

É surpreendente que a obra de Cervantes, *Dom Quixote de la Mancha*, garanta, passados tantos séculos, lugar privilegiado no ranque da Literatura Universal. É surpreendente e indiscutível que todas as vezes que mencionamos o nome Quixote, mesmo sem atentarmos se à obra ou ao personagem, o que mais imediatamente vem à mente de todos é a “loucura”, a história de um louco que luta com moinhos de vento.

“Yo sé quien soy”<sup>26</sup>: assim entra Dom Quixote no mundo ficcional criado por Cervantes. Abandona os livros e o lar e vai ser cavaleiro. Depois de a personagem tanto ler os muitos “requiebros” – floreios lingüísticos de Feliciano de Silva, seu autor preferido de novelas de cavalaria – somos informados, quase de chofre, de que “perdía el pobre Caballero el juicio”<sup>27</sup> (CERVANTES, s/d, p.18). Em fração de segundos, de fidalgo vira cavaleiro. E, assim, entre amadas, damas e escudeiros, entre cavalos e armaduras, vai Dom Quixote impondo a cavalaria medieval à Espanha do século XVII, até quando, inesperadamente, defrontando-se com uma oposição veemente e radical de seu vizinho Pedro Alonso, que lhe diz não ser ele o cavaleiro que pensava encarnar “sino el honrado hidalgo del señor Quijana”<sup>28</sup> (Idem, p. 35), nosso herói reage radicalmente com a célebre frase já referida.

“Yo sé quien soy”. Seria a loucura por trás de suas palavras? Dom Quixote, o “cavaleiro louco”, é talvez um dos lugares-comuns mais repetidos. Mas será Dom Quixote de fato louco? E por que o seria?

Do muito que se falou sobre a loucura no tempo de Dom Quixote, daremos preferência à palavra de Ortega y Gasset, pois o pensador espanhol é um dos que mais se dedicou à pesquisa do evento da leitura no século XVI e seu significado para a época. Entretanto, embora ele reconheça ser a ficção impressa “la forma artística que nos involucre de la manera más íntima, ya que tiene lugar en nuestro propio espíritu”<sup>29</sup> (ORTEGA Y GASSET, Apud GILMAN, 1993, p. 25), comenta com uma

<sup>26</sup> Tradução nossa: Eu sei quem sou

<sup>27</sup> Tradução nossa: Perdía o pobre cavaleiro o juízo.

<sup>28</sup> Tradução nossa: E sim o honrado fidalgo, o senhor Quijana.

<sup>29</sup> Tradução nossa: A forma artística que nos envolva da maneira mais íntima, visto que ocorre em nosso próprio espírito.

ponta de ironia que não era necessário ter sido tão singularmente suscetível à leitura, a ponto de passar “por la misteriosa experiencia de haber sido tomado – infectado espiritualmente por una obra de ficción”<sup>30</sup> (Idem, ibidem).

Para cada coisa existe a que lhe contrapõe e sabe-se bem que a contrapartida da doença só pode ser a cura. Por mais que Dom Quixote, de temperamento forte e de “cabeça quente”, pudesse relutar, isto só seria por pouco tempo. Cedendo, afinal, acabaria concordando, e partiria em suas andanças à procura da cura. Até agora, a relação doença-cura, nós a usamos dentro dos estreitos limites do jogo das oposições, o que reduz cura aos estreitos limites ônticos. Mas, antes que ele a encontre, não percamos de vista a intrigante loucura. Alonso Quijano de tanto ler livros de cavalaria tomou a decisão de, por si mesmo e, a partir de si mesmo, ser cavaleiro andante. Mesmo que não radicalizemos, avaliando sua decisão como loucura, é plausível que a achemos, pelo menos, estranha. O que o teria levado a ser cavaleiro, afinal?

Por que teria decidido sair da ficção para a vida? Duas causas podem justificar esse quadro: o ócio no qual vivia Alonso Quijano – o fidalgo era pura estagnação: “olvidó casi de todo punto el ejercicio de la caza, y aun la administración de su hacienda”<sup>31</sup> (CERVANTES, s/d, p 18); a segunda causa pode ser atribuída à mudança radical de hábito onde a velha leitura oral “estaba planeada al parecer (al igual que un manuscrito) para leerse en voz alta. Es decir, se entonaba palabra por palabra, para regocijo de un embelesado grupo de oyentes”<sup>32</sup> (ORTEGA Y GASSET, Apud GILMAN, 1993, p.18) – era substituída pela leitura silenciosa: “hacia 1605 un tal Alonso Quijano y otros que compartían su adicción devoraban de manera silenciosa”<sup>33</sup> (Idem, ibidem). Do mesmo modo que essa modalidade nova de leitura

---

<sup>30</sup> Tradução nossa: Pela misteriosa experiência de ter sido tomado – infectado espiritualmente por uma obra de ficção

<sup>31</sup> Tradução nossa: Abandonou quase de todo a prática da caça, e até mesmo a administração de seu patrimônio.

<sup>32</sup> Tradução nossa: Estava planejado ao que parece (assim como um manuscrito) para ler-se em voz alta. Quer dizer, entoava-se palavra por palavra, para regozijo de um extasiado grupo de ouvintes.

<sup>33</sup> Tradução nossa: Por volta de 1605, um tal Alonso Quijano e outros que compartilhavam seu vício devoravam de maneira silenciosa.

incitou o fidalgo ao hábito desmedido de ler livros de cavalaria, pode também ter contribuído para seu abandono. Ela provocava grandes transformações no modo de viver da época. Como observa ainda Gilman, não se pode imaginar o impacto de tal mudança.

Intrigados ficamos com esse impacto, imaginando ser ele o responsável por sua intempestiva decisão - querer mergulhar na vida, tentando experimentá-la?

Seria esse impacto para o bem ou para o mal? Poderia estar o mal na própria leitura? Impossível, responderiam todos; a julgar pela descrição de Ortega y Gasset, que expressa um envolvimento pleno e profundo de todos os leitores na vasta ficção disponível naquela época. Difícil é compreender o significado dos gestos que acompanhavam a leitura: “devoraban de manera silenciosa, [...] sus labios aún se movían, [...] sus manos se contraían, [...] pasaban las noches leyendo”<sup>34</sup> (ORTEGA Y GASSET, Apud GILMAN, 1993, p. 18). Corresponderia esse gestual ao famoso e significativo “levantar da cabeça”, aludido por Roland Barthes. Ou estaria sendo demasiadamente passiva aquela leitura?

Se considerarmos, no entanto, que a obra *Dom Quixote de la Mancha* foi reconhecida como inauguradora de um tempo em que o experimentar e o existir se sobressaíram aos olhos de seus leitores, podemos compreender que é exatamente a grande incidência do experimentar e do existir, como componentes do perfil dessa manifestação literária, que a aproxima, de algum modo, da decisão de nosso herói: sair do livro para entrar na vida, para ter a experiência nos acontecimentos da própria existência.

Entretanto,, nova contradição se anuncia. Ao virar cavaleiro, Alonso Quijano, apesar de acreditarmos em sua decisão de existir de verdade, é quando ele começa a fingir. E finge tão completamente que, de tanto fingir, chega até a acreditar que é Dom Quixote, expressando-o com veemência – “Yo sé quien soy” – e o faz com tanta certeza que só mesmo estando louco. Além disso, como é possível viver de verdade, fingindo na ficção, numa época em que não estavam ainda bem marcados

---

<sup>34</sup> Tradução nossa: Devoravam de maneira silenciosa [...] seus lábios ainda se moviam, [...] suas mãos se contraíam [...] passavam as noites lendo.

os limites entre realidade e ficção? A não ser que, como está bem expresso nas declarações que caracterizam o romance, se confirme a estreita relação entre homem, vida e obra de arte. Até agora, tudo são só cogitações.

Para Dom Quixote, o que acabou acontecendo foi uma estranha superposição entre existir na vida real e existir na ficção. Ao sair da ficção para existir e experimentar a vida na vida, acaba caindo em outra ficção e, desse modo, vive um duplo fingir. Duplo fingir? Como explicar a necessidade de existir e ampliar a experiência da vida assim? Como é possível a Dom Quixote viver de verdade, fingindo na vida ou vivendo numa ficção que ele mesmo criou Infectado de ficção, seria esse mesmo, o seu diagnóstico?. Então, qual a relação entre viver e fingir que aproximaria vida e ficção?

Para essa pergunta, encontramos somente a orientação de Carneiro Leão: “A única via de acesso que resta é a vivência [...] das manifestações e dos produtos que nos deixou a vida” (LEÃO, 2000, v. 1, p. 35). E foi o que fez Dom Quixote. Numa Espanha “desvinculada de la realidad (...) que prefiere soñar”<sup>35</sup> (VILAR, 1983, p. 344), ele foi buscar a única via de acesso, num produto que lhe tinha deixado a vida – uma obra de ficção, as novelas de cavalaria. Pelo transparente dessa orientação, acreditamos ser possível que isso tenha mobilizado o herói; pois esse é o seu procedimento: quer ter a vivência do que lera nos livros de cavalaria, trazendo a ficção para a vida.

Essa é a única possibilidade, ou haveria outra? Tamanho investimento, pelo puro desejo de experimentar essa façanha? Há autores que atribuem coisas dessa categoria ao poder que tomou para si o homem do Renascimento nessa época – que se caracteriza pelo crescente humanismo e valorização da subjetividade, onde o homem é aquele que tudo pode conhecer e criar. Como homem do Renascimento, Dom Quixote está tomado daquilo que transborda no ar: um tudo querer saber; uma necessidade de dar conta do mundo; e a prepotência de achar que tudo isso ele poderia. Nessa importante posição central que lhe cobra a responsabilidade de

---

<sup>35</sup> Tradução nossa: Desvinculada da realidade (...) com a qual prefere sonhar.

responder aos grandes impasses da vida, compreende-se a desmedida do fidalgo. De qualquer modo, buscar viver uma realidade ultrapassada, dentro do novo paradigma vigente e sem propósito maior, apenas por simples capricho, será essa a loucura de Dom Quixote?

A uma dupla possibilidade de loucura, uma dupla possibilidade de cura. Será que sua loucura é ôntica, que está Dom Quixote realmente louco, infectado, seja pelo excesso de subjetividade conferido pelo humanismo renascentista, seja pelo excesso de leitura de ficção, ou pelos dois? Ou será que, ao contrário, essa loucura que o move não é ôntica e sim ontológica; se não é factual e sim existencial, já que sua veemente frase reveladora trouxe consigo verbos ligados à existência? Mesmo que já se tenha sinalizado que o que acomete o cavaleiro “de la triste figura” é algo que o impulsiona a abrir seu horizonte de possibilidades, ainda nos falta descobrir do que exatamente está Dom Quixote à *pro-cura*.

Se nos encontramos numa encruzilhada, precisamos que Heidegger nos apresente à cura como mito e a existência do homem. Se considerarmos a loucura quixotesca como algo ontológico, que vai além da superfície, sua cura, igualmente, vai, também, além superfície. A confirmação dessa possibilidade fomos encontrar em *Ser e tempo*, em uma interpretação de Heidegger para uma fábula de Higino, que ora apresentamos como um “testemunho pre-ontológico” da “Cura”.

Certa vez, atravessando um rio, Cura viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a lhe dar forma. Enquanto refletia sobre o que criara, interveio Júpiter. A Cura pediu-lhe que desse espírito à forma de argila, o que Júpiter fez de bom grado. Como a Cura quis então dar seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter a proibiu e exigiu que fosse dado o nome. Enquanto Cura e Júpiter disputavam sobre o nome, surgiu também a terra (tellus) querendo dar o seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente equitativa: “Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito e tu, terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi a Cura quem primeiro o formou, ele deve pertencer à Cura enquanto viver. Como, no entanto, sobre o nome há disputa, ele deve se chamar “homo”, pois foi feito de humus (terra). (HEIDEGGER, 1998, 263)

Assim foi criado o “Homo” – assim na terra como no céu – por ele respondendo Terra e Júpiter. Foi apreendido como composto de corpo e espírito. Entretanto, esse testemunho pre-ontológico dá novo significado à origem do homem e atribui predominância ao seu viver. A origem do ser do homem é Cura, e “esse ente não é abandonado por essa origem, mas, ao contrário, por ela mantido e dominado enquanto for e estiver no mundo” (Idem, *ibidem*). À Cura, deve estar entregue o homem, enquanto estiver nesta travessia entre nascimento e morte, construindo sua existência no mundo.

Da leitura do mito, ressoam ainda fragmentos: “enquanto for e estiver no mundo”; “percurso temporal no mundo”; “o homem mortal”... Parece que estamos nos aproximando de um ponto de ancoragem: Cura é experiência do viver que acontece na própria existência, entre as duas pontas: nascimento e morte.

A origem do homem, este ser preso na maravilha da vida, mas limitado pelo insondável da morte, estaria, para Heidegger, expresso na Cura, como aquilo que o sustenta na travessia entre estes dois pólos. Cura estaria aí capturada nesse testemunho pre-ontológico sobre o ser-homem, testemunho determinante para Heidegger, em sua interpretação ontológico-existencial da pre-sença que é o homem como Cura.

Ao dizer: “Yo sé quien soy”, está Dom Quixote louco, ou é alguém que busca Cura, na compreensão e construção de sua existência, alguém que está à pro-cura? Dom Quixote tem tantas certezas! Mas é ele cavaleiro ou fidalgo? Está instalado o dilema. Esse dilema parece ser da ordem do saber e do ser: estes são os verbos reincidentes aqui.

É incontestável que Cura está intimamente ligada ao próprio “ser” do homem, seu próprio existir. Na afirmação de Dom Quixote, o próprio verbo “ser” se encarrega de dispor essa relação. Ele sabe quem é, com a firme certeza que não permite questionamento; tem, firmes, todas as certezas que sustentam suas ações, as suas

crenças no mundo e em si mesmo. Mas pode alguém de fato ter tais certezas? Pode alguém de fato ter certezas definitivas?

Heidegger retoma a questão da existência do homem em *Ser e Tempo*. Falar do homem como existência é falar de um ser que se sabe ser, que tem consciência da própria finitude e da morte. É, sobretudo, falar de um ser que sabe que sabe e que sabe que é. O homem pensa, o homem fala, o homem poetiza. Desse modo, o homem significa a realidade, e ao significar pensa o mundo e a si mesmo, construindo sua existência e seu mundo. E constrói sua existência e seu mundo sobre o abismo dos limites de sua própria não compreensão, o “nada” que lá no fundo subjaz. Mas é preciso despojar o “nada” das conceituações de que está carregado. Trata-se de um “nada” onde a radicalidade e a cooriginariedade não só abrem ao criativo, como também garantem o fluxo inesgotável das representações, jamais o “nada” estéril da pura negação.

Dom Quixote deixou bem claro a necessidade de a cavalaria fazer frente a “nuestros detestables siglos”. Afinal, foi para isso que ela foi instituída: “para cuya seguridad [...] se instituyó la orden de los caballeros andantes”<sup>36</sup> (CERVANTES, s/d, p 61). Ele demonstra ter plena consciência da validade de seu projeto. Por isso, mesmo reconhecendo quão detestável é o seu tempo, é com os fragmentos que ainda percebe de seu mundo que pode contar. Entretanto, falta-lhe ainda o mundo do confronto. Assim, não lhe resta outra alternativa, senão buscar, nas novelas de cavalaria, os ingredientes necessários para montar seu mundo. O que teria feito Dom Quixote acreditar ser o mundo da cavalaria, comparável àquele mundo ideal que seu olhar tanto cobiça? Falta de opção? É possível.

Mesmo que não compreenda muito bem sua própria escolha, de uma coisa Dom Quixote está seguro: sabe muito bem que, se quiser compreender, só no mundo. Heidegger deixou bem claro, ao integrar o “*ser-em*” à *pro-cura* da Cura.

No entanto, “*ser-em*” não significa lugar geográfico. Em Dom Quixote, este é tão insignificante a ponto de ser localizado por um artigo indefinido e de sequer ser

---

<sup>36</sup> Tradução nossa: Para cuja segurança [...] instituiu-se a ordem dos cavaleiros andantes.

guardado na memória: “En un lugar de la Mancha, de cuyo nombre no quiero acordarme”<sup>37</sup> (CERVANTES, s/d, p 17). “Ser-em” significa que o ser não se dá, fora de um contexto. Heráclito, quando visitado por um grupo de turistas, ávido de curiosidade, percebeu a imediata perda de interesse, ao se defrontar o grupo com o prosaico do agir de tão grande celebridade em sua casa, e lamentou, porque os ingênuos curiosos não sabiam que o acontecer da verdade é na espontaneidade do cotidiano mais simplório que ele se dá. É bem possível que, por pura falta de opção, Dom Quixote desprovido de mundo, e na urgência de compor mundo, só por isso tenha lançado mão de um que lhe fosse familiar.

No momento mesmo em que Espanha descobre o Novo Mundo, é quando menos mundo tem. E se Espanha descobre um novo mundo, é justo que Dom Quixote, sem referências, também invente o seu. Para ser, todos precisam de mundo: em *La vida es sueño*, aliado do mundo, Segismundo se transforma em monstro cruel, e traz à discussão o destino e a possibilidade de previsão da vida. Em *Menino a bico de pena*, por mais que o menino seja moldado dentro dos parâmetros de sua língua, com todos os referentes já estabelecidos e conhecidos por todos, desse mundo não pode libertar-se, pois somente nesse mundo e a partir desse mundo, novas compreensões e novos significados e, fundamentalmente, novos sentidos, podem chegar a ser realidade. Do mesmo modo, Dom Quixote também precisa configurar um mundo; sem esse respaldo, sabe que seu projeto fica inviabilizado.

À construção de seu novo mundo, se interpõe aquela mesma pergunta, com intenção bem definida: “¿Habían de ser mentira?”; a intenção de apoiar-se na força do poder público: “los libros que están impresos con licencia de losreyes”<sup>38</sup> (CERVANTES, s/d, p 304). Com essa pergunta, Dom Quixote coloca-se na defensiva, com o intuito de proteger a verdade dos livros de cavalaria que estava transpondo para os séculos XVI-XVII. Seu mundo criado precisava de respaldo. Para compreender o processo com o qual Dom Quixote criou o mundo da cavalaria, cabe

---

<sup>37</sup> Tradução nossa: Em um lugar de la Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me.

<sup>38</sup> Tradução nossa: Os livros que estão impressos com licença e com aprovação daqueles a quem foram dedicados [os mecenas].

aqui o registro de que esses já eram sinais significativos da modernidade – o precisar afirmar-se na certeza trazia consigo a necessidade da legitimação. Era esse o esquema das novelas de cavalaria. Para seus autores, realidade para ser verdade era o registrado, o comprovável documentalmente.

Do mesmo modo que Cervantes afirma ter sua história o suporte documental dos anais de la Mancha: “pero, lo que yo he podido averiguar en este caso, y lo que he hallado escrito en los Anales de la Mancha”<sup>39</sup> (CERVANTES, s/d, p. 22), Dom Quixote se afirma no mesmo pressuposto para montar seu mundo cavaleiresco, a ponto de não ter tranquilidade enquanto não se arma cavaleiro: “mas lo que más le fatigaba era el no verse armado caballero, por parecerle que no se podría poner legítimamente en aventura alguna sin recibir la orden de caballería”<sup>40</sup> (CERVANTES, s/d, p 25). Esse mundo, Dom Quixote o vai construindo em níveis de intensidade diferentes. Começa meio tímido “sin dar parte a persona alguna de su intención y sin que nadie le viese”, sai ao campo pela primeira vez “por la puerta falsa de un corral”<sup>41</sup> (CERVANTES, s/d, p. 21).

Inicialmente, mesmo que reconheça ser essa sua missão, sua insegurança é tal que chega a sentir-se exultante por ter conseguido dar o primeiro passo para realizar seu desejo. Porque teve a coragem e conseguiu sair, isso o deixou “con grandísimo contento y alborozo de ver con cuánta facilidad había dado principio a su buen deseo”<sup>42</sup> (IDEM, ibidem). Vivencia situações em que aceita insinuações maldosas sobre sua atuação de cavaleiro, com a humildade de um discípulo. Ao chegar em “la venta”, diante do jogo “del ventero” que pretendia demovê-lo da determinação de armar-se cavaleiro numa capela do castelo, Dom Quixote aceita a sugestão de simplificar o ritual com um pequeno gesto que realizaria no meio do

<sup>39</sup> Tradução nossa: Mas, o pude averiguar neste caso, e o que pude achar escrito nos Anais de La Mancha.

<sup>40</sup> Tradução nossa: Mas o que mais o incomodava era não se ver armado cavaleiro, por parecer-lhe que não podia legitimamente meter-se em aventura alguma sem receber a ordem de cavalaria

<sup>41</sup> Tradução nossa: Sem comunicar a ninguém sua intenção e sem que ninguém o visse [sai (...) vez] pela porta falsa de um curral [inicialmente (...) deixou]

<sup>42</sup> Tradução nossa: com grandíssimo contentamento e alvoroço de ver com quanta facilidade havia dado principio a seu bom desejo.

campo, e em duas horas somente: “Todo se lo creyó don Quijote, y dijo que él estaba allí pronto para obedecerle”<sup>43</sup> (IDEM, *ibidem*). Logo a seguir, entretanto, dá sinais de avançar em auto-afirmação e confiança no que está fazendo: dessa vez, já faz ameaças, caso “aquella gente baja” voltasse a agir do modo que o tinham feito todos: “comenzaron desde lejos a llover piedras sobre don Quijote”<sup>44</sup>.

Por muitas etapas passou Dom Quixote para dar realidade ao mundo da cavalaria. Esse mundo não fora totalmente construído, para só depois Dom Quixote nele começar a atuar. Não poderíamos restringir seu procedimento, listando somente os ingredientes formalmente necessários para configurá-lo. Tudo foi-se dando como processo, concomitante ao seu ser-no-mundo.

De qualquer modo, Dom Quixote, finalmente, tem um mundo. E, de posse desse mundo, começa a pro-cura da cura.

Cura é experiência ontológica. Ela está na base de todas as ações do homem, independente de seu querer; Cura é sua essência. Dessa forma, Cura não possui limites, a não ser aquele estabelecido como sua finalização – a morte. Nesse “entre” vida-morte, Cura é ilimitada. Por mais que não pareça, está sempre presente. Sendo essência, não pode jamais ser extirpada do processo da vida, como mais uma das elaborações entificadas do homem.

Se Cura é essência, não há nenhuma prevalência do homem sobre ela; é Cura que o move. Esse mover-se, tão íntimo da essência, tampouco pode ser simples e previsível; jamais poder-se-á ter uma fórmula dirigindo todos os passos da Cura. Isso porque ela só se dá na dinâmica da vida, monitorada pelo ser. Ser, querer e saber é a trilogia de sustentação da Cura; é esse o suporte que a movimenta, enquanto vai configurando o homem, traçando-lhe o perfil, imprimindo lhe suas marcas. Mas o que há de mais interessante é a flexibilidade das linhas responsáveis por esse perfil; elas estão sempre em estado de “stand by”, prontas para ser. Do mesmo modo, as

---

<sup>43</sup> Tradução nossa: Em tudo acreditou Dom Quixote, e disse que ele estava ali pronto para obedecer-lhe.

<sup>44</sup> Tradução nossa: Começaram de longe a chover pedras sobre Dom Quixote.

marcas impressas por Cura são pura solvência. Cura, ao mesmo tempo que se imprime, reimprime-se.

Temos nos perguntado o que teria levado Alonso Quijano a deixar a leitura para viver a ficção da leitura. Questionamos qual seria a motivação do fidalgo para se tornar cavaleiro. Na verdade, o que fez Dom Quixote lançar-se no mundo da cavalaria foi a “disposição”. Heidegger diz que o existencial-compreensão é pre-racional, prepredicativo. Havia um pré que antecedia qualquer compreensão; uma disposição afetiva, um humor, pois “a **pre-sença** já está sempre de humor”. O humor abre sempre o ser do “pré”, logo ele também participa do “estar-lançado”. “[...] na maior parte das situações ôntico-existenciárias, a pre-sença se esquiva ao ser que se abre no humor” (HEIDEGGER, 1998, p. 189); o “pré” é sempre abertura e possibilidade de ser.

Isso significa que o homem é sempre tomado pela tendência à compreensão do que já é, do que já está estabelecido como significado, mesmo sem que perceba, e assume isso como responsabilidade: uma vez existindo, ele “tem de ser”.

“Pré”, na época de Dom Quixote, dava o tom, determinando o humor; humor que tocava a todos e fazia com que não perseguissem a abertura que esse próprio humor realiza. Dizemos isso, porque “É justamente na cotidianidade mais indiferente e inocente, que o ser da pre-sença pode irromper na nudez do que é e tem de ser”.

Esse “pré” da época de Dom Quixote se chama ceticismo. Convivem, no mesmo tempo, resquícios da Idade Média, como também a dúvida sobre esses valores. Mesmo sem dar-se conta, o humor, inerente à época de crise, é determinado por esse clima. A obra apresenta muitos exemplos que mostram a fragilidade dos valores medievais-cristãos, interferidos que estão pela sua não suficiência para a exigência do homem daquele momento.

É Heidegger quem administra Cura. Se ele diz ser preciso pre-ocupar-se, é porque é preciso pre-ocupar-se. Do mesmo modo que não se está apenas lançado indiferentemente num poder-ser-no-mundo, mas já está sempre empenhado no mundo das ocupações, o estar-lançado inclui também a pre-ocupação.

Entretanto, em se tratando de Dom Quixote, a pergunta é, além de ingênuo, desnecessária. Basta vê-lo magro, “seco de carnes”, com o temperamento caracterizado pelos adeptos da “teoria dos humores” como um perfil colérico, psicologicamente irado; forte e soberbo, nada preguiçoso e, ainda mais, amante da justiça num contexto como o já descrito, contexto que tanto o desconcertava, a ponto de, a partir do “mal-estar” que, silencioso, ameaçava, ver que “la cosa de que más necesidad tenía el mundo era de caballeros andantes, y de que en él se resucitase la caballería andantesca”<sup>45</sup>. Que esperar de um homem desse calibre, num momento tão crucial, senão pre-ocupação?

Pois bem, Dom Quixote é um cavaleiro extremamente pre-ocupado.

É de tal modo pre-ocupado que, logo em sua primeira saída, antecipando-se à qualquer solicitação de ajuda ou pedido de socorro, irrompe no capítulo IV, agradecendo a Deus pelo favor de tal oportunidade: “Gracias doy al cielo por la merced que me hace, pues tan presto me pone ocasiones delante donde yo pueda cumplir con lo que debo a mi profesión”<sup>46</sup> (Idem, p. 29). Por muito estar “pre-ocupado com” os outros entes, foi que Dom Quixote, tentando salvar “el muchacho Andrés” das mãos de seu amo, o pôs a perder-se definitivamente. Pela primeira vez, em suas andanças, Dom Quixote, acreditando tudo saber sobre como desfazer “los tuertos y agravios”, usou seu conhecimento para dispor das decisões necessárias para um incidente entre amo e criado. Como bom filósofo pre-ocupado achava que estava em suas mãos legislar sobre o certo e o errado.

É indiscutível a missão de filósofo que Dom Quixote tomou para si. Ser portavoza dos valores medievais, veiculados por “la república cristiana española”, foi o passaporte que, dando-lhe acesso à Cura, abriu-lhe caminho de acesso a si mesmo. Dom Quixote, sob o viés da loucura esteve à procura de seu próprio **Ser**, de sua existência ontológica. Considerá-lo apenas um louco que luta com moinhos é fazer uma leitura superficial da loucura e esquecer a busca pela existência, a busca pelo

---

<sup>45</sup> Tradução nossa: A coisa de que mais necessidade tinha o mundo era de cavaleiros andantes, e de que nele se ressuscitasse a cavalaria andantesca.

<sup>46</sup> Tradução nossa: Graças dou ao céu pela mercê que me faz, pois tão logo me oferece oportunidade diante de mim para que eu possa cumprir com o que devo a minha profissão.

ser quem é. Dom Quixote sabia quem era, mesmo que não o soubesse, pois buscava sua essência, sua existência, vivenciando ontologicamente aquilo que a silenciosa leitura lhe proporcionara oticamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERVANTES, Miguel de. **El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha**. Buenos Aires: Colihue, s/d.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>, versão Projeto Gutenberg. Acesso em: 31 jul 2007.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. **Aprendendo a pensar**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2000, vol.1

\_\_\_\_\_. **Aprendendo a pensar**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2000, vol.2

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1998, parte 1, p.263-264

ORTEGA Y GASSET, Apud GILMAN, Stephen. **La novela según Cervantes**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

VILAR, Pierre. **Crecimiento y desarrollo**. Editora Ariel, España 1983, 5 edição.

Recebido em 06/07/2016.

Aceito em 29/10/2016.